



Sociedade das Ciências Antigas

VIDA E OBRA DE SÃO JOÃO DE DEUS



"Era um homem que teria tido necessidade de encontrar um São João de Deus; e o descobriu em si mesmo".

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Nascer no final do século XV, três anos após a descoberta do "Novo mundo" significava absorver, desde a primeira infância, o gosto e a ansiedade pela aventura que caracterizava esse século inteiro. Ainda mais nascendo em Portugal, terra de grandes navegantes: de Bartolomeu Dias que, em 1486 descobrira o "Cabo das Tempestades" e depois o "Cabo de Boa Esperança"; de Vasco de Gama que em 1497 por duas vezes fez a volta do Cabo e chegou até Calcutá; de Pedro Álvares Cabral que em 1500 descobriu o Brasil; de Magellano que em 1520 chegou ao Grande Estreito, para entrar no oceano Pacífico e circunavegar o globo...

Dois anos antes da partida de Vasco da Gama para a Índia, nascia em Montemor-o-Novo, Alentejo, um outro grande herói de seu nome, João. Este nasceu no dia 8 de março de 1495, na Rua Verde, numa habitação modesta, de gente humilde e honrada, como João Cidade Duarte. Seria difícil para ele poder sonhar com aventuras, pois o pai era apenas um pequeno vendedor ambulante de frutas.

Não se sabe quase nada da infância de João, até que aos oito anos ele ouviu de um viajante em visita, sobre as aventuras que o poderiam esperar, nesse ano de 1503, na descoberta de novos mundos. Nessa mesma noite fugiu de casa para viajar com o forasteiro e o certo é que os pais não conseguiram achar seu rastro. Assim, o pequeno viaja a pé até Madrid junto a mendigos, saltimbancos, ilusionistas, mendigando para poder comer. Nas proximidades de Toledo ele adoeceu e o viandante deixou-o aos cuidados de um homem de bom coração: Francisco Majoral, administrador dos rebanhos do Conde de Oropesa, pessoa conhecida pelas suas virtudes e pela sua caridade.

Esse homem, regente de uma grande propriedade, adotou-o posteriormente. Por seis anos João foi educado como um filho e, em seguida, dos catorze aos vinte e oito, viveu como um pastor na solidão dos montes, seguindo os rebanhos e contemplando a natureza. Quando parecia que ele ia, finalmente, iniciar uma vida normal, sentiu-se pressionado para casar com a filha do regente, a qual amava como irmã. João, mais uma vez fugiu e alistou-se no exército espanhol, na guerra contra a França.

FUGAS E GUERRAS

Carlos V estava recrutando tropas contra a França que se apoderara de Pamplona (onde foi ferido o heróico defensor Inácio de Loyola e combateram do outro lado, os irmãos maiores do pequeno Francisco de Xavier). João Cidade queria liberdade: “Aquela liberdade que desejam aqueles que se engajam na guerra, correndo a rédeas soltas na estrada ampla (embora fatigante) dos vícios”. Era uma época na qual acabava a imagem do cavaleiro medieval e surgia aquela do “soldado mercenário”. E como soldado, João era tudo menos modelo de santidade, participando no jogo, na bebida e nas pilhagens que os seus camaradas apreciavam.

Mas, ao nosso aventureiro a vida militar reservava somente desgraças: um dia, caiu de um cavalo roubado perto das linhas francesas e quase foi apanhado pelo inimigo. De outra vez o butim de guerra foi furtado enquanto ele estava de sentinela. O resultado é que João se viu degradado e condenado à morte, mas por intervenção de um oficial importante, recebeu a graça da vida.

Estas foram, ambas, experiências físicas de morte e de graça que se depositaram nas profundezas da sua consciência. Com medo de ser capturado ou morto, reviu toda a sua vida e fez um voto impulsivo de mudança. Voltou ao seu antigo patrão, “depois de uma viagem infindável de seiscentos quilômetros feitos de pé”, segundo suas próprias palavras.

Em 1532, Carlos V começou a preparar uma cruzada contra os turcos e recrutou homens em todos os lugares possíveis. Assim, em setembro desse mesmo ano, as tropas do rei conseguiram entrar em Viena. Não houve uma verdadeira guerra e foi afastado o perigo turco. João se engajou e recomeçou a viajar: o seu pelotão marchou rumo a Barcelona e depois, por mar, viajou para Gênova. Em seguida desceu rumo à lagoa de Garda, onde se concentravam todas as tropas imperiais. Daí o exército rumou em marcha forçada para Verona, Trento, Bressanone, Innsbruck e daí, com os barcos, desceram o rio Inn, chegando depois ao Danúbio.



Retrato de São João, feito pelo pintor real Alonso Sanches Coelho. 1547

Após alguns meses as tropas começaram a viagem de volta pela mesma estrada da vinda, mas a companhia de João Cidade recebeu ordem de atravessar a Alemanha, descer as Fiandras, embarcando rumo à Espanha. Desembarcaram no porto de la Coruña, pouco longe de Santiago de Compostela e assim, antes de debandar a Companhia, foram todos a Compostela em peregrinação.

Somente então, de repente, João decidiu voltar à cidade que abandonara quando criança. Uma vez mais anda a pé por seiscentos quilômetros. Procurou a casa dos pais, esperando encontrá-los e quando descobriu que ambos estavam mortos, foi tomado por uma dor atroz e um sentimento de culpa arrasador: sentiu-se responsável pela morte deles e disse: “Sou ruim e culpado, devo agora ocupar minha vida, que é dom do Senhor, a fazer penitência e a servi-Lo”.

VIAGEM À ÁFRICA E O RETORNO À ESPANHA

Foi a Sevilha e por alguns meses trabalhou como pastor para uma rica senhora. Era inquieto, perturbado, porém como pastor teve muito tempo para meditar sobre o que Deus queria da sua vida. Quando decidiu, aos trinta e oito anos, que deveria ir para África para resgatar cristãos cativos, deixou tudo para trás e dirigiu-se ao porto de Gibraltar. Estando na doca à espera do seu navio, encontrou uma família visivelmente triste e desgostosa. Tendo descoberto que era uma família nobre que partia para o exílio na África devido a intrigas políticas, abandonou o seu plano original e ofereceu-se como seu servo. A família adoeceu, quando chegou ao exílio, e João manteve-os, não só cuidando da sua doença, mas também ganhando dinheiro para a sua alimentação. A caridade dilatou o seu coração: procurou a orientação de um pai espiritual, que o impeliu à leitura do Evangelho e de livros piedosos.

O seu trabalho na construção de fortificações era desumano, sendo os trabalhadores espancados e maltratados por pessoas que se diziam católicas. Vendo cristãos agindo dessa forma tão inquietante, João viu a sua fé abalada. Um padre aconselhou-o a não acusar a Igreja pelos atos desses homens e a partir para a Espanha imediatamente. João regressou, mas só depois de ter certeza que a sua família de adoção recebera o perdão.

Na Espanha passou os seus dias carregando navios e as suas noites visitando igrejas e lendo livros espirituais. Gastou todas as economias comprando livros para si mesmo e para os outros. A leitura deu-lhe tamanho prazer, que decidiu que era seu dever partilhar essa alegria com os outros. Deixou o seu trabalho e tornou-se vendedor ambulante de livros, viajando de vila em vila, vendendo livros e postais religiosos. Teve uma visão, aos quarenta e um anos, que o levou a Granada onde vendeu livros numa pequena loja, e por isso é o santo padroeiro dos livreiros e tipógrafos.

O SERMÃO DE JOÃO DE ÁVILA E O DESTINO DE JOÃO CIDADE

O fato é que Deus o esperava, naquele janeiro de 1539, na festa de São Sebastião, quando chegou à cidade o mais afamado pregador daquele tempo: João de Ávila, o apóstolo da Andaluzia. João estava entre os ouvintes e ouviu o famoso pregador dizer que cada um devia “firmar-se na vontade de sofrer e até morrer antes de cometer pecado, que é o mais perigoso dos flagelos”. Todos compreenderam que ele se referia ao flagelo da peste que estava irrompendo naquela região.

Àquela comparação, o nosso “vendedor de livros” foi assaltado por um incontrolável arrependimento: passaram-lhe diante dos olhos imagens, lembranças de uma vida desordenada, dos pecados cometidos desde os anos de sua juventude, e do meio do povo se pôs a gritar: “Misericórdia, meu Deus misericórdia!”. Parecia enlouquecido: jogou-se ao chão, bateu a cabeça nas pedras, arrancou a própria barba. Correu à sua livraria, com as crianças correndo atrás dele gritando-lhe: "louco, maluco!" Toda a vila foi levada a pensar que o pequeno livreiro tinha passado de simples excentricidade à loucura. Em sua livraria, rasgou todos os livros de conteúdo secular, deu todos os seus livros religiosos e todo o seu dinheiro. De roupas rasgadas e em pranto, era alvo de insultos, de piadas, e até de pedradas e lama arremessadas pela população da vila, incluindo as suas crianças.

Correndo, foi ao encontro de João de Ávila e faz uma longa confissão, logo depois foi à praça onde havia um grande lodaçal; jogou-se lá dentro enlameando-se todo e começou a confessar publicamente os seus pecados. Os meninos jogaram-lhe mais lodo e ele foi-se embora todo feliz, com uma cruz nas mãos que deu a beijar a todos aqueles que encontrou.

Alguns biógrafos explicam que tudo isto ele fez, querendo parecer doido “pelo amor do Cristo”. Outros, pelo contrário afirmam que ele foi mesmo atacado por uma “crise” de loucura: experiências demais, demasiadas tensões, trevas demais e luz demasiada, crueldade e ternura demais e ainda mais, muita necessidade de amar sem ter objetos reais dignos de amor.

Amigos levaram o enlouquecido João para o Hospital Real, onde foi internado com os lunáticos. João recebeu o tratamento normal daquela época – ser amarrado e açoitado diariamente. Mas este “doente” era esquisito até na sua loucura. Quando era castigado, encorajava os enfermeiros a continuar, pois achava justo castigar aquela carne que tanto tinha pecado. Mas se o chicoteado era um outro doente ele censurava os enfermeiros asperamente: “Traidores, porque tratais com tamanha crueldade estes pobres infelizes irmãos, que moram nesta casa de Deus? Não seria melhor ter compaixão das suas provações, mantê-los limpos e dar-lhes de comer com caridade e carinho?” E reclamava-lhes a paga que recebiam, que era para cuidar dos doentes e não para maltratá-los. O resultado era que ele sempre apanhava ainda mais.

João dizia: “Que Jesus Cristo me conceda a graça de um dia possuir um hospital no qual eu possa acolher os pobres abandonados e os infelizes privados do raciocínio, para curá-los como precisarem e para que nunca mais recebam maus tratos”.

O grande poeta espanhol Lopez de Vega dedicou um poema a São João de Deus, no qual ele comenta o episódio da sua loucura e da sua humilhação:

“Ser português e subir humilhação apavora; pois receber ultrajosas chicotadas e sofrer tal desonra pelas mãos dos castelhanos é para um português uma coisa incrível e nunca ouvida; de fato os portugueses são nobres e valorosos e então se Deus não tivesse assumido aquela desonra sobre si mesmo, não se sabe como um português poderia ter agüentado”.

João de Ávila foi visitá-lo, dizendo-lhe que a sua penitência já durava há tempo suficiente – quarenta dias, o mesmo período que o Senhor sofreu no deserto – e fez com que João fosse levado para uma zona melhor do hospital.

O GRANDE SONHO DE JOÃO

João não conseguia ver sofrimento sem tentar de tudo para minorá-lo. E agora que estava livre de movimentos, embora ainda como paciente, imediatamente levantou-se e começou a ajudar os outros doentes à sua volta. O hospital ficou radiante por ter a sua ajuda gratuita nos cuidados, não ficando contente por deixá-lo sair posteriormente, quando um dia se apresentou para anunciar que iria fundar o seu próprio hospital.

Saindo do hospital recebeu logo outro choque; diante a porta estava passando o cortejo fúnebre que acompanhava à sepultura na capela real de Granada, a bela imperatriz Isabel Augusta, esposa de Carlos V. A ele e ao duque Francisco Bórgia, nesta ocasião aconteceu a mesma coisa. A visão do cadáver convenceu Francisco a encaminhar-se rumo à santidade e João, a dedicar toda sua vida ao serviço de Nosso Senhor, cuidando dos mais pobres.



Estampa de J de Courbes que ilustra fases da vida de São João de Deus. No canto superior esquerdo, o Nascimento do Santo; no canto superior direito, o Incêndio do Hospital de Granada. No canto inferior esquerdo, o Santo com o Menino Jesus aos Ombros e no canto inferior direito a Aparição do Menino Jesus que lhe diz: "Granada será tua Cruz".

A DESCOBERTA DA VOCAÇÃO E A OBRA DE SUA VIDA

João já tinha quarenta e quatro anos, mas em brevíssimo tempo ele se tornou o “Pai dos pobres”, o “Patriarca da caridade”, a “Maravilha de Granada” a “Honra do seu século”; todos os títulos que lhe foram atribuídos.

João estava bem certo de que Deus queria que ele fundasse um hospital para os pobres, que recebam fraco tratamento, ou mesmo nenhum dos outros hospitais, mas toda a gente ainda o olhava como um homem louco. À noite, pegando o pouco dinheiro que ganhava, trazia comida e conforto aos pobres que viviam em edifícios abandonados e sob as pontes. De fato, o seu primeiro hospital, foram as ruas de Granada.

Começou a trabalhar catando e vendendo lenha, até poder comprar um casebre e ali abrigar os primeiros desamparados. Essa moradia ficava em frente ao mercado de peixes e ele fazia com que os comerciantes lhe dessem os que não tinham sido vendidos e já que não podia guardá-los, cozinhava-os para os seus protegidos, tornando-se assim, em pouco tempo, especialista no preparo de sopas gostosas.

À noitinha, percorria os bairros residenciais, levando nas costas uma cesta de vime e duas painelas ligadas com uma corda e passadas ao redor do pescoço e ia gritando: **“Alguém quer fazer o bem para si mesmo? Meus irmãos, pelo amor de Deus, fazei o bem a vós mesmos”**.

É esta a origem do lema da sua ordem religiosa: **“Fatebenefratelli”**, literalmente: “façam o bem a seus irmãos”. Esta frase não quer dizer que precisamos cuidar dos irmãos mais pobres, mas sim que devemos fazer o bem a nós mesmos, fazendo o bem ao próximo. Não se consegue amar verdadeiramente os pobres se antes não tiver descoberto a própria incrível pobreza e a precisão de enriquecer a própria miserável vida fazendo o bem a si mesmo através do bem feito aos irmãos.

Os santos que têm amado a pobreza e os pobres têm percebido em tal amor uma riqueza que podia preencher sua existência, mais do que qualquer tesouro. A caridade nunca vai de um rico para um pobre, mas de um pobre para outro pobre: de um que descobriu ser pobre apesar de suas riquezas e que estas lhe têm sido dadas “para ganhar um tesouro no céu”, fazendo o bem sobre a terra. Numa ocasião, uma hora após ter visto uma placa numa janela que dizia “Aluga-se casa para alojamento de pobres”, alugou a casa para poder prestar cuidados debaixo de um teto. Claro que fez o aluguel sem dinheiro para acessórios, medicamentos ou comida. Depois de ter pedido dinheiro para camas, voltou às ruas e trouxe os seus pacientes nos ombros, que já tinham carregado pedras, lenha e livros. Uma vez dentro de casa, lavou-os, fez-lhes curativos, e remendou-lhes as roupas à noite, enquanto rezava.

Usou da sua antiga experiência para pedir esmola, apregoando pelas ruas na sua voz de vendedor mas, em vez de vender mercadorias, agora ela aceitava tudo o que lhe pudessem dar – sobras, roupas, moedas. Começaram a chegar as primeiras doações em dinheiro e assim pode ampliar a casa. João acolhia os seus doentes fazendo uma seleção e pondo-os divididos por doença: um quarto para os febris, um para os feridos, um para os inválidos; o andar térreo era destinado aos viajantes e mendigos que não achavam um lugar para dormir. E tudo isto num tempo em que, nos hospitais, os doentes eram amontoados sem nenhuma distinção e punha-se, inclusive, mais de um enfermo numa mesma cama. Lombroso, que certamente não era muito terno para com a Igreja, definiu João Cidade: “O criador do hospital moderno”.

Cuidava pessoalmente de tudo: acolhia os necessitados e dava banho neles, procurava os alimentos que ele mesmo cozinhava, lavava os pratos, varria, lavava as roupas, ia buscar água e lenha. Os visitantes ficavam impressionados pela ordem e limpeza que havia no hospital. Se no início da sua

obra ainda o consideravam doido, agora o chamavam “o Santo”. Aumentaram as ofertas de ajuda e alguns se propuseram a ajudá-lo compartilhando a sua fadiga, e os próprios doentes, aqueles com mais força, se tornaram enfermeiros.

Um importante prelado de Granada começou a protegê-lo e um dia lhe impôs que abandonasse suas roupas esfarrapadas e vestisse uma batina modesta, mas limpa. Depois, deu-lhe um nome: “chamar-te-ás João de Deus”. “Oh, sim!”, respondeu ele, “se Deus assim gostar”. Ele cuidava dos doentes como se possuísse fartura, mas o seu objetivo era claro, dizia: “Através dos corpos, chegar às almas”, por esta razão para colaborar com ele, chamava ao seu hospital os sacerdotes mais zelosos. Na sua caridade não tinha medo de nada nem dos roubos ou dos enganos, quando isso acontecia costumava usar uma expressão belíssima: “Roubado eu? Mas não, eu dou-me a Deus”.

A imagem mais conhecida que nos ficou é aquela immortalizada pelo pintor Bartolomé Esteban Murillo e que se refere a um célebre acontecimento: numa noite de inverno, voltava para o hospital segurando com uma mão o cesto cheio de alimentos e com a outra segurava o bastão e nas costas levava um pobre doente que tinha encontrado no caminho. A estrada era toda em subida e estava caindo um terrível aguaceiro. João escorregou e caiu. Aos gritos do doente alguém chegou à janela e viu João que batia em si mesmo com o bastão, gritando: “Seu burro, estúpido, mole de um preguiçoso, talvez você não comeu hoje, hein? Então por que não trabalhas? Os pobres te esperam e olha o que você fez a este moribundo!”. Depois, posto outra vez o doente nas costas, pegou o cesto e arrastou-se até o Hospital.



**“São João de Deus transportando um doente”
Pintura de Bartolomé Esteban Murillo, entre os anos de 1670 e 1672, que se encontra na
Igreja da Irmandade da Santa Caridade, em Sevilha, Espanha.**

Seu primeiro colaborador estável foi Antonio Martin: por razões de honra seu irmão fora morto e ele, por sua vez, esperava o momento de se vingar. Nada podia demovê-lo dessa decisão, pois disso dependia sua honra. Entretanto Antonio era bom, generoso com os pobres e João quis obter a “conversão desse batizado”.

Para isso, passou a noite inteira rezando e flagelando-se e pela manhã foi procurar Antonio, ajoelhou-se a seus pés e mostrando-lhe o crucifixo disse-lhe: “Irmão Antonio, eis aquele que vos perdoará se vós também perdoardes, mas se vingais o sangue do vosso irmão, o Senhor vos pedirá conta do sangue divino, que vós derramais cada dia, com os vossos pecados”. Entre lágrimas Antonio respondeu: “Irmão João, não apenas quero perdoar... e sim! pelo amor de Deus, me entrego a vós e aos pobres”. Tornou-se assim seu amigo e sucessor. Outro colaborador encontrou em Pedro Velasco.

João tinha uma atenção toda particular por aquelas pecadoras que mais suscitavam a sua misericordiosa ternura: as prostitutas. Cada sexta-feira ia a um prostíbulo, escolhia a mulher mais perdida e lhe dizia: “Minha filha tudo o que um homem te daria, eu te darei e até mais. Peço-te somente que escutes duas palavras”, e enquanto a mulher olhava, ele se jogava de joelhos diante do seu crucifixo e começava a chorar e acusar-se dos seus próprios pecados e depois dizia: “Minha irmã, considera quanto tens custado a Nosso Senhor!” Algumas se arrependiam; mas muitas vezes a

situação não podia ser resolvida pois estavam presas pelas dívidas e ameaças. Então João apelava para algumas damas da nobreza, pedindo dinheiro: “Minha irmã, há uma prisioneira do demônio, ajudai-me a livrá-la, pelo amor de Deus, e arrancá-la daquela miserável escravidão”. E se nada obtinha, empenhava-se trabalhando duramente para pagar todas as dívidas que as pobres mulheres tinham feito.

Aquilo que devia suportar dedicando-se a este apostolado nem se pode imaginar, mas João achava-o absolutamente necessário. Quando as acusações e as calúnias se tornavam intoleráveis, a quem o ofendia ele respondia: “Dia mais dia menos precisarei te perdoar, então é melhor te perdoar logo agora”.

O INCANSÁVEL TRABALHADOR DE CRISTO

Ao longo da sua vida foi criticado pelas pessoas que não gostavam do fato do seu amor impulsivo se estender a todos os necessitados, sem perguntar por credenciais ou referências pessoais. Quando lhe foi possível mudar o seu hospital para um antigo mosteiro Carmelita, abriu um abrigo para os sem-casa no hall do mosteiro. Imediatamente, os seus críticos tentaram demovê-lo com o argumento de que estaria a saciar arruaceiros. A sua resposta a estas críticas foi sempre de que “conhecia apenas um mau caráter no hospital, ele próprio”. Noutra ocasião, ao voltar exausto, de uma longa viagem para conseguir dinheiro para o hospital, viu-se chamado pelo arcebispo da cidade para prestar esclarecimentos a respeito dos rumores que corriam a seu respeito, ou seja, que ele acolhia também aproveitadores e prostitutas:

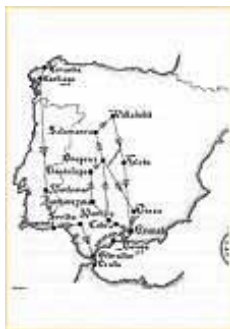
“Se eu acolhesse apenas os justos, as minhas salas estariam vazias, e como poderia então trabalhar para a salvação dos pecadores?”

Esta foi a resposta de João às acusações e o arcebispo, profundamente impressionado, deu-lhe total autonomia na administração do seu hospital.



A sua solicitude para agir imediatamente quando via necessidades, levou-o a ficar em apuros várias vezes. Uma vez, tendo encontrado um grupo de pessoas famintas, correu para uma casa, roubou uma panela com comida e deu-lhes. Quase foi preso por este ato de caridade! De outra vez, tendo visto um grupo de crianças esfarrapadas, entrou numa loja de roupas e comprou roupas novas para todas. Como não tinha dinheiro, pagou a crédito!

Precisava andar muito por esmola e certa vez precisou ir pedir até no palácio real de Valladolid. Mas seus pedidos acabaram em malogro: pedia dinheiro para seu hospital de Granada, mas acabava gastando o dinheiro recebendo ajudando todo pobre que encontrava na cidade onde tinha esmolado. A coisa se tornava ridícula a tal ponto que o conde de Téndila pensou resolvê-la, dando-lhe cartas de crédito que pudessem ser resgatadas somente em Granada.



**As jornadas de São João de Deus, a pé, em Portugal e Espanha:
“Fazei o bem Irmãos!”**

No entanto, o seu desejo impulsivo de ajudar salvou muita gente numa certa emergência. Soou o alarme de que o Hospital Real estava queimando. João de Deus largou tudo para se dirigir ao local, mas ao chegar constatou que a multidão apenas assistia ao hospital – e seus doentes – serem consumidos pelo fogo. Correu para o edifício em chamas e carregou ou ajudou os doentes a sair. Quando todos os doentes estavam a salvo, começou a atirar cobertores, lençóis e colchões pelas janelas – quão bem sabia, pelo seu difícil trabalho, como eram importantes estes objetos. Nesse momento, foi trazido um canhão para destruir a parte em chamas do edifício de modo a salvar o resto. João pediu-lhes que parassem. Subiu ao telhado separando, com um machado, a parte em chamas. Conseguiu seu intento, mas acabou caindo do telhado e todos pensaram que tinham perdido o seu herói, até que João de Deus apareceu miraculosamente por entre a fumaça. Por esta razão, João de Deus é também o Santo Padroeiro dos bombeiros.



São João no salvamento de doentes no Hospital Real

O antigo breviário, no dia da sua festa, assim comentava o episódio: “Ensinando a caridade, demonstrou que o fogo exterior tinha menor força do que o fogo que o queimava interiormente”. E foi esta a cena que apareceu na “Glória de Bernini” no dia da sua canonização.

O hospital crescia. Em uma carta João escreve: “São assim numerosos os pobres que aqui chegam que eu mesmo não sei como alimentá-los, mas Jesus Cristo providencia tudo e lhes dá de comer, porque somente para a lenha preciso de sete ou oito reais cada dia. A cidade é grande, muito fria e especialmente no inverno, são muitos os pobres que chegam a esta casa de Deus: são mais de cem ou cento e dez; são disformes, mutilados, leprosos, mudos, paráliticos, muitos velhos, meninos, sem contar os peregrinos e os caminheiros que chegam e precisam de lenha, água, sal, panelas para cozinhar e vasilhas para comer e para isto não temos auxílio; mas Jesus Cristo providencia tudo...e desta maneira sou devedor e cativo somente para o Cristo”.

Dizia: “Não tenho nem o espaço de um creio em Deus Pai para poder respirar”.

OS ÚLTIMOS TRABALHOS

No início de 1550 adoece gravemente: uma nobre senhora, sua benfeitora, encontra-o com febre alta na sua pobre cama feita de uma tábua, com um cesto servindo de travesseiro. A dama obteve do arcebispo uma permissão para levá-lo ao seu palácio e, para João, a ordem de segui-la.

Enquanto o levavam, os pobres circundaram a liteira, gritando e reclamando. Perturbado, João os abençoava chorando e dizia: “Deus sabe, meus irmãos, quanto eu desejaria morrer perto de vocês, mas desde que Ele quer que eu morra sem poder-vos ver, seja feita a sua vontade”.

Na cama macia demais, João revelou ao Bispo as três coisas que o angustiavam. A primeira era: “ter amado e servido pouco demais ao Senhor Jesus enquanto que tanto tinha recebido”. A segunda: “os necessitados, as pessoas saídas do pecado e que precisavam dele, e os pobres acanhados dos quais ele levava o fardo, ajudando-os”. A terceira: “as dívidas contraídas por amor de Jesus Cristo”. E assim dizendo, entregou o caderno que apertava ao peito e não teve sossego até que o prelado prometeu pagar todas as dívidas.

Ao amanhecer de oito de março, quando ao redor da sua cama não havia ninguém, saiu daquele leito confortável demais, ajoelhou-se no chão apertando ao peito o crucifixo e exalou o último suspiro. Morreu na idade de cinquenta e cinco anos.

Acharam-no assim, morto já há algum tempo, mas ainda de joelhos. As exéquias foram majestosas, o esquife foi levado por quatro homens da mais alta nobreza, mas no cortejo, na primeira fila, estavam os seus pobres e os doentes do seu hospital.

João de Deus foi beatificado em 1590, por Urbano VII e canonizado em 1690, por Alexandre VIII. Em 1714, foi inscrito no calendário romano. No dia 27 de maio de 1886, com o decreto *Inter Omigenas virtutes*, o papa Leão XIII declarou São João de Deus e Camilo de Lellis patronos de todos os hospitais e de todos os enfermos. Em 28 de agosto de 1930, Pio XI, com o Breve *Expediit Plane* proclamou os dois santos patronos dos enfermeiros e das suas associações. Na carta do santo Ofício está escrito:

“Nós todos somos convidados a expressar com as obras esta caridade, da qual João nos deu um exemplo tão qualificado, antecipando os métodos modernos da psicoterapia, curando primeiro a psique e o espírito para influir também sobre o corpo. Além disso, ele separava aqueles que tinham doenças infecciosas dos demais pacientes, demonstrando assim que a caridade é sempre individualizada e adaptada a cada espécie de enfermidade e a cada pessoa”.

Lopez de Vega, no poema já mencionado, escreveu:

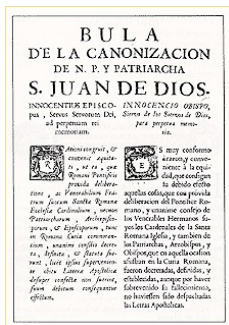
“Amou tanto a pobreza que se tivesse encontrado um anjo e um pobre, teria deixado o anjo e abraçado o pobre”.

e mais:

“A Belém te amou Deus-menino no berço, no hospital Deus-doente no leito”.

Uma biografia recente faz a síntese da sua aventura de uma maneira profunda:

“Era um homem que teria tido necessidade de encontrar um São João de Deus; e o descobriu em si mesmo”.



Bula da Canonização de São João de Deus, pelo Papa Inocêncio XII, em 15 de julho de 1691.



Paróquia de São João de Deus, em Lisboa.

No local onde hoje se encontra a Igreja de São João de Deus, existia outrora uma estrebaria. Era um espaço atravessado pela Estrada das Amoreiras e entremeado de outros caminhos estreitos. Naquele lugar, hoje Praça de Londres, haveria de se implantar o maior redil de almas de Lisboa.

Com o crescimento de Lisboa, no início dos anos 50, foi necessário estabelecer novas paróquias. O Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, decretou a constituição das seguintes novas paróquias: Santa Joana Princesa, Santa Tereza (hoje, Doze apóstolos), Santo Anjo de Portugal, São João Evangelista e São João de Deus, entre outras. Construída sem sacrifícios dos paroquianos, o dinheiro veio, na maior parte, da indenização do Estado pela demolição da Igreja de Nossa Senhora do Socorro.

Antônio Lino foi o arquiteto escolhido para levar o projeto adiante e através de seus traços, ele aliou a modernidade com o recolhimento, a beleza com a sobriedade, o monumental com o funcional. Na época da construção, Antônio Lino explicou o seu desejo de aproximar os fiéis do altar, vencendo o afastamento obrigatório que existia em relação à assembleia, circunstância que só foi alterada uma década depois, com o Concílio Vaticano II.

Em 8 de Março de 1953, na Av. de Roma, Praça de Londres, com a bênção do Cardeal Cerejeira, nascia uma "paróquia gigante".



Tríptico de São João de Deus

Nestes painéis, obra do Mestre Domingos Rebelo, podemos encontrar a ilustração dos momentos fundamentais da vida de São João de Deus. Os painéis encontram-se por trás do altar da igreja, ocupando grande parte da altura interior.



PAINEL 1

Nasceu em Montemor-o-Novo em 1495. Os sinos repicaram festivamente quando do seu Batismo em que recebeu o nome de João, com o sobrenome de Cidade. João Cidade. Emigrou para Espanha onde foi pastor, soldado e vendedor ambulante de livros. Certo dia, uma criança, o Menino Jesus (?) apresentando-lhe uma romã (granada em Espanhol), diz-lhe que em Granada encontrará a sua Cruz. Convertido pela palavra inflamada do Beato João d'Ávila e pela graça de Deus é enviado como louco para um recolhimento de doentes mentais onde supõem que o curam, chicoteando-o. Aí, se resolveu a dedicar-se totalmente ao serviço dos pobres e dos doentes, distribuindo comida e, sobretudo, muito amor e compreensão. Daqui por diante chamar-se-á João de Deus.

PAINEL 2

Uma vez, julgando que tratava um pobre doente, num hospital improvisado pela sua grande caridade, verifica que tal doente era o próprio Cristo, que lhe diz: "O que julgas estar fazendo a um doente qualquer é a Mim que o fazes". Chega a dar a própria roupa para vestir os mais necessitados. Nossa Senhora coloca-lhe sobre a cabeça uma coroa de espinhos significando o quanto ele havia de sofrer por Amor de seu Divino Filho e dos irmãos pobres e doentes.

PAINEL 3

Muito doente e enfraquecido passa pelas ruas de Granada levado pelos amigos e recebendo as mais ternas manifestações de gratidão e de carinho. Chama-o Deus à Sua Divina presença. Morre com a idade de 55 anos e sua alma é levada pelos anjos à Pátria Celeste, ouvindo então a Palavra do Senhor: "Vem bendito do Meu Pai, a possuir o Reino que te está preparado; porque tive fome e deste-Me de comer; tive sede e deste-Me de beber; estava nu e vestiste-Me; doente, encarcerado e visitaste-Me. Andava errante e acolheste-Me". E a obra desse grande santo continua através da ação caritativa dos membros da Ordem Hospitaleira de São João de Deus.

BASÍLICA DE SÃO JOÃO DE DEUS EM ANDALUZIA



A obra do Templo foi iniciada no ano de 1734, para terminar, sem interrupção em 1757, construída e decorada completamente sem acréscimos ou modificações posteriores, o que a torna um conjunto único. Durante sua curta história, sofreu importantes espoliações: a invasão francesa, a ausência da Ordem entre 1835 a 1876 e as duas repúblicas espanholas.

A Basílica de São João de Deus alcança o significado de sua execução no retábulo maior, que ocupa toda a frente do presbitério de estilo barroco, que não deixa de ser atrevido e de singular inspiração, obra do entalhador José Francisco Guerrero. Realizada em madeira dourada, se estrutura segundo uma idéia central, marcada pelas colunas que sustentam a arcada do camarim e que dão lugar à imagem de uma vela ou círio ardendo que servirá de suporte à idéia teológica que prevalece na Igreja: O triunfo do Amor e da Caridade.

O Templo foi dedicado em 1756 à Imaculada Conceição, e Frei Alonso Parra y Cote, cronista oficial da Ordem, no livro que publicou por ocasião dessas festas o chama: "Templo da Puríssima Conceição de Nossa Senhora da Sagrada Ordem da Hospitalidade de Nosso Pai São João de Deus".



Assim já temos uma idéia completa do significado do Templo, que estava sob a proteção da Imaculada Conceição. Sua intenção não era outra senão a de colocar as sagradas relíquias do santo fundador da Ordem da Caridade sob a proteção daquela que ia ser a Mãe do Amor, exaltando sua pureza virginal. Ou seja, a prática da caridade através de uma vida pura e sem mácula, imitação da Mãe de Deus.

A prática da Caridade ideal na vida cristã representada de maneira a impressionar, ofuscar, mas sobretudo, para convencer e provocar seu exercício. Esta é a bela contradição representada na Basílica de São João de Deus, de maneira harmoniosa, mas teatral, clara, mas cheia de efeitos, cheia de sublime ostentação e ao mesmo tempo transbordante de humilde fé.

HOSPITALEIROS E HOSPITALÁRIOS

Com o desenvolvimento do monaquismo, e, sobretudo depois que começam a aparecer os hospitais, no Séc. XII, como instituições especificamente destinadas aos doentes pobres, surgem igualmente as primeiras ordens religiosas hospitalarias (masculinas, femininas ou mistas).

A primeira foi a dos Hospitalários, fundada por um grupo de mercadores, por volta de 1050, com o objetivo explícito de dar apoio aos peregrinos cristãos que, nessa época, se dirigiam a Jerusalém. Na Cidade Santa irão construir dois hospitais, um destinado a homens (São João) e outro a mulheres (Santa Maria Madalena). Daí a designação "Ordem do Hospital de São João de Jerusalém".

Quanto aos Hospitalários, sabe-se que se estabeleceram em Portugal em princípios do século XII (entre 1120 e 1132) e só no último quarto do século XII é que se organizaram em ordem de cavalaria, passando a ter um importante papel na Reconquista, a partir do reinado de D. Sancho I (1154-1211). A partir do reinado de D. Afonso IV, por volta de 1340, o prior do Hospital passa a chamar-se prior do Crato, em consequência da ordem estar sediada nesta povoação alentejana. Presume-se que a sua atividade principal antes e durante o reinado do primeiro rei de Portugal tenha sido principalmente o cuidado dos enfermos.

Em todo o caso, os Hospitalários estabeleceram-se em Portugal mais tardiamente do que outras ordens militares, o que explicaria, em parte, que nunca tenham tido o poder, por exemplo, dos Templários. Segundo alguns historiadores, após a destruição da Ordem dos Templários, seus remanescentes teriam ingressado na Ordem Hospitalária e aí continuado ocultamente seus trabalhos.

Com o início das Cruzadas, os Hospitalários passam igualmente a cuidar dos soldados feridos em combate e depois da tomada de Jerusalém em 1099, a Ordem torna-se poderosa e rica, graças às doações que recebe por todo o continente europeu (incluindo a península ibérica e o sul da França). Os Hospitalários passam a reger-se pela regra agostiniana, transformando-se em ordem militar, sem, contudo, deixarem as suas funções como hospitaleiros. Esta transformação implicou, ao que parece, uma clara hierarquização dos seus membros, divididos em três categorias: cavaleiros, padres e irmãos leigos e os seus hospitais passam a ser organizados segundo o modelo militar.

Após a queda de Jerusalém em 1187 e de Acre em 1291 nas mãos dos muçulmanos, os hospitalários são obrigados a sair da Palestina e instalam-se em Chipre. Conquistam Rodas em 1310, para se fixarem finalmente em Malta em 1522. Passam então a ser conhecidos como Ordem de Malta e, ao que se sabe, o ramo feminino dos Hospitalários teria abandonado a enfermagem depois da saída de Jerusalém.

A ORDEM HOSPITALEIRA DE SÃO JOÃO DE DEUS



A ORDEM NO MUNDO

A Ordem Hospitaleira de São João de Deus (OH) tem origem na ação e exemplo de vida de São João de Deus, desde que em 1538, em Granada (Espanha), iniciou uma nova maneira de tratar e acolher os pobres, os doentes e os necessitados, usando um espaço da Rua Lucena, naquela cidade. É uma Ordem Religiosa laical masculina da Igreja Católica, cuja vocação está voltada para a promoção da saúde e ação social.

O exemplo de São João de Deus arrastou outros homens que continuaram a sua obra, depois da sua morte, ocorrida em 08 de Março de 1550. Tendo esses homens pedido ao Papa São Pio V a sua aprovação, este deu-a pelo Breve *Licet ex Debito* de 01 de Janeiro de 1572.

A Ordem cresceu e, na atualidade, está presente em 52 países. É constituída por 1400 Irmãos (Freis) distribuídos por 150 comunidades, atendendo quase 200 Obras Apostólicas: hospitais, clínicas, centros psiquiátricos, albergues, lares, ambulatórios, ONGs e projetos sociais diversos. Tem sua sede em Roma e seu símbolo é a romã encimada pela cruz (a romã é o símbolo da cidade de Granada, onde a Ordem teve início). Segundo consta, o Menino Jesus apareceu ao Santo e disse, apresentando-lhe uma romã: “Granada será tua cruz”



Desenvolveu-se paralelamente na Itália e na Espanha, havendo uma estrutura canônica com várias Províncias com origem nestes dois países - a Congregação da Itália e a Congregação da Espanha - formando uma só Ordem Hospitalária, com a referência a João de Deus, enquanto não se extinguiu em Portugal e Espanha, com a morte do último Superior Geral da Congregação respectiva, em 1850.

A estrutura canônica atual é a de um só Instituto Religioso, dividido em Províncias, Vice-Províncias, Delegações Gerais e/ou Delegações Provinciais, consoante às possibilidades de autonomia para o desempenho das tarefas da formação dos candidatos, do governo das Obras Apostólicas e da prática da Hospitalidade Joandeína.

João Cidade, o jovem nascido em Montemor-o-Novo, foi aventureiro no duplo sentido. Percorreu, cheio de idealismo, diversos caminhos, envolvido em experiências diversificadas, que vão de pastor a soldado e a comerciante. Porém, os momentos mais fascinantes da sua vida reportam à descoberta de Jesus Cristo, na cidade de Granada, no rosto de cada homem, mulher e criança que sofria.

Começou então a aventura do amor e do serviço dos homens mais abandonados: pobres, desprezados, doentes. Não lhe faltaram graves dissabores. Até por louco o trataram. Era a loucura da alegria que a intensidade do Amor de Deus e do próximo provocava.

BREVE HISTÓRIA DA ORDEM EM PORTUGAL



Na história da enfermagem em Portugal, há que referir-se ao papel de São João de Deus e dos seus discípulos. No Hospital Real de Granada onde conheceu a dura e cruel situação dos doentes mentais, e a violência dos tratamentos a que estes eram submetidos, descobriu finalmente, a sua vocação: a de hospitaleiro. João de Deus irá tornar-se um verdadeiro precursor das preocupações com a humanização dos hospitais, dois séculos antes desse tipo de preocupações começarem a ser partilhadas pelos espíritos iluministas do Séc. XVIII na França e na Inglaterra.

A presença da Ordem Hospitaleira em Portugal estende-se ao longo de dois períodos. O primeiro, desde 1611, data em que se estabeleceram em Montemor-o-Novo os primeiros Irmãos, para aí recuperar a casa onde nascera o seu Fundador (1495-1550) e, posteriormente, tomar conta do Hospital, que chegou a ter 200 camas. Nesse período a sua ação não era tão específica como na atualidade. Por Decreto de D. João IV, de 3 de Maio de 1643, a Ordem Hospitaleira de São João de Deus ficou incumbida de fundar, construir e administrar toda a rede de hospitais militares de campanha, aquém e além-mar. Com sede em Roma, esta congregação, essencialmente laica, vai ter um papel de relevo na península ibérica e nos territórios ultramarinos pertencentes a Portugal e Espanha (Índia, Brasil, África, etc.), na administração de hospitais, na assistência aos enfermos e, sobretudo na assistência aos soldados e marinheiros. Durante parte dos séculos XVII, XVIII e XIX, quase todos os hospitais militares de Portugal e Espanha eram assistidos pelos Religiosos de São João de Deus, os quais neles trabalharam até à “exclaustração”, no caso português até 1834, ano em que foram extintas as ordens religiosas, por decreto de 30 de maio, bem como as ordens militares, por diploma de 30 de junho.

O segundo período de permanência em Portugal iniciou-se em 1891 e ainda não terminou. Tudo começou, quando amainada a sanha contra as congregações religiosas, o Superior Geral da Ordem, incentivado pelo Papa Pio IX, enviou o Padre Bento Menni para a Espanha, com a incumbência de “restaurar a Ordem no seu berço”. Foi na seqüência dessa arrojada decisão que entraram de novo em Montemor-o-Novo dois irmãos espanhóis que aí restauraram a ermida de São João de Deus.

Em seguida, veio a Portugal o próprio Padre Bento Menni que, sendo hóspede do Cardeal Patriarca, em São Vicente de Fora, colocou três irmãos à frente do hospício de Santa Marta para cuidar dos “clérigos enfermos”, mas por pouco tempo. Bento Menni, sacerdote plenamente imbuído do carisma de São João de Deus, desejava ardentemente que os Irmãos se dedicassem aos mais carentes e menos protegidos socialmente. Em Portugal identificou duas categorias de excluídos sociais que decidiu acarinhar e proteger: as crianças e os doentes mentais.

Para as crianças, criou em Aldeia da Ponte, na Diocese da Guarda, um asilo (colégio) para meninos pobres, que funcionou apenas de 1892 a 1897. Porém, mais tarde, a assistência às crianças viria a ser retomada tanto no Hospital Infantil de Montemor-o-Novo como em outras instituições criadas pelas Irmãs Hospitaleiras e que ainda continuam a funcionar.

Para os doentes mentais, depois de muitas diligências, adquiriu uma quinta no Telhal, onde em 1893, com anuência verbal do Patriarca de Lisboa, como era praxe da época por razões políticas, se estabeleceu o que viria a ser o centro nevrálgico da Ordem em Portugal. A casa do Telhal, que se tornou conhecida graças à excepcional humanidade com que eram tratados os doentes mentais, passou incólume pela onda republicana que decretou a extinção de todas as congregações religiosas. Daí irradiou para todo o território português de então o carisma de São João de Deus que está na origem das múltiplas instituições da Ordem Hospitaleira, inclusive a casa das Irmãs Hospitaleiras da Idanha, aberta em 1894.

Em 1928, foi restaurada a Província de São João de Deus em Portugal da qual, durante muitos anos, estiveram dependentes todas as casas do atual território português e também as da África, da Ásia e da Oceania. Em Portugal, nunca se poderá escrever, nem a história da Igreja nem a história da Psiquiatria, sem ter em conta o gesto de amor, de ciência e de humanidade levada a cabo por esses homens e mulheres que, através de São João de Deus, descobriram o rosto de Cristo nos pobres e nos doentes.



**45 Escudos – Selo Comemorativo do
5º Centenário do Nascimento de
São João de Deus**

OS ENFERMEIROS DO DIVINO MÉDICO

O primeiro manual sobre enfermagem de que há notícia em Portugal, é a “Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros”, publicada em 1741. Da autoria do Padre Frei Diogo de Santiago, religioso de São João de Deus, era destinada à formação dos noviços do Convento de Elvas, “para perfeição da vida religiosa e voto da hospitalidade”. O livro, de 300 páginas, está dividido em três partes ou tratados, por sua vez subdivididos em capítulos:

O tratado I (“postilla religiosa”) contém “advertências para a perfeição religiosa do estado de noviço até ao de prelado superior” (5 capítulos, página 1 a 71); o tratado II tem como título “arte de enfermeiros” e como subtítulo “para assistir aos enfermos, com as advertências precisas para a aplicação dos remédios”; é o mais extenso em capítulos (59), e em páginas (página 72 a 172); por fim, o tratado III (“advertências para bem morrer”) tem 7 capítulos e tem cerca de 80 páginas, incluindo anexos (página 173 a 256); o conteúdo desta parte tem a ver com o “modo para o enfermo examinar a sua consciência, exortações para a sua salvação, forma de fazer testamento, e para ajudar a bem morrer”.

Há ainda um índice temático, de A a Z (página 257 a 300), com as “coisas mais notáveis deste livro”, que ajuda o leitor a recapitular e memorizar a matéria. Os capítulos do tratado II são, sem dúvida, os mais interessantes, do ponto de vista da arqueologia dos saberes e das práticas de enfermagem, se bem que o autor se limite a divulgar alguns dos conhecimentos médicos e farmacológicos da época.

Em pleno Século das Luzes, a enfermagem era entendida como a aplicação de medicamentos ou tratamentos sob prescrição de médicos ou cirurgiões, sem qualquer veleidade, pretensão ou reivindicação de autonomia técnica. De qualquer modo, a partir do livro do Padre Santiago, pode-se fazer uma idéia aproximada acerca dos tratamentos e remédios que, naquele tempo, eram utilizados nos hospitais.

Grande parte da formação teórica e prática dada aos enfermeiros centravam-se nos meios, então em voga, de “arrancar líquidos ao organismo”, através de “suadoiros”, “clisteres”, a que Santiago chama “ajudas”, purgantes e sangrias, numa tentativa de restabelecer o equilíbrio do “Humor” - um termo que é referido pelo autor em diversos pontos da obra.

Sobre cada uma das formas de tratamento, há um capítulo específico, com instruções sobre o modo de administração dos vários tratamentos e as normas mais convenientes, de manhã ou à noite; quente ou frio, antes ou depois das refeições, simples ou com mistura, etc.

Quanto aos medicamentos, eles resumiam-se no essencial aos produtos vegetais, privilegiando-se na sua preparação, as plantas ou as partes das plantas que, por uma razão ou outra, “se faziam notar e davam sinal de si”.

- Perfume (rosas, alecrim, murta, losna, arruda, etc.),
- Sabor picante e ácido (limão, cebola, alho, etc.),
- Sensação produzida pelo seu contato com a pele (malvas, linhaça, mostarda, etc).

Quanto ao modo de aplicação terapêutica, privilegiava-se a via cutânea, estando em voga as aplicações untuosas, as unturas, os esfregaços, os banhos medicamentosos, etc., “quentes, tépidos ou frios, consoante o exigido pela situação ou pela indicação do clínico”.

O problema da melhoria da formação dos enfermeiros ter-se-á posto de maneira mais acentuada depois da reforma pombalina da Universidade de Coimbra. Em 1793, o Comissário Geral da Ordem Hospitaleira de São João de Deus sugeriu ao intendente Pina Manique que os membros da sua congregação passassem a frequentar o curso de medicina. Nessa época, os religiosos de São João de Deus tinham praticamente o monopólio do exercício da enfermagem nos hospitais militares do Reino e a melhoria dos seus conhecimentos médicos seria mutuamente vantajosa.

Na seqüência desta sugestão chegou a ser fundado um colégio, destinado à preparação dos enfermeiros desta ordem hospitaleira; porém, a sua vida foi efêmera: a seguir à morte de Pina Manique, seu protetor, o colégio foi fechado.

Quanto aos hospitais civis, a formação do pessoal de enfermagem era ainda pior, e agravou-se com a extinção das ordens religiosas em 1834, a tal ponto que ao longo da monarquia constitucional houve várias tentativas para a sua reintrodução (caso, por exemplo, das Irmãs de Caridade). A Ordem Hospitaleira de São João de Deus só regressa a Portugal em 1890, tendo-se dedicado a partir de então à saúde mental.

CONSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL DA ORDEM DOS IRMÃOS HOSPITALEIROS

“Nós, os Irmãos Hospitaleiros, damos graças ao Senhor pelo dom que fez à sua Igreja em São João de Deus, o qual, impulsionado pelo Espírito Santo e transformado interiormente pelo amor misericordioso do Pai, viveu em perfeita unidade o amor a Deus e ao próximo. Dedicou-se por inteiro à salvação de seus irmãos e imitou fielmente ao Salvador em suas atitudes e gestos de misericórdia. Cheio de dívidas, de preocupações e de trabalhos, se fiou totalmente em Jesus Cristo e se entregou por completo ao serviço dos pobres e doentes na cidade de Granada, na Espanha, de onde voltou ao Pai em 1550”.

“Nossa Ordem é um instituto laical, não obstante, desde sua aprovação, se concedeu que alguns Irmãos pudessem chegar ao sacerdócio, para prover o exercício do sagrado ministério entre os doentes e em nossas comunidades e obras hospitalares”.

ATA DE FUNDAÇÃO

“Nossa Ordem Hospitaleira nasce do evangelho da misericórdia, vivido em plenitude por São João de Deus; por isso, justamente, o temos como Fundador. Ele, com efeito, entendeu que o sinal mais claro de ter passado da morte à vida é o amor aos irmãos praticado não só com palavras, mas com obras e de verdade”.

“A família religiosa a que pertencemos, a pedido dos Irmãos, foi aprovada pelo Papa São Pio V em 1º de Janeiro de 1572, e é conhecida na Igreja com o nome de Ordem Hospitaleira de São João de Deus”.

“Esse nome expressa nossa identidade, pois a razão de nossa existência na igreja é viver e manifestar o carisma da hospitalidade ao estilo de São João de Deus. Consagrados ao Pai pelo Espírito, seguimos mais de perto ao Cristo casto, pobre, obediente e misericordioso. Deste modo, cooperamos com a edificação da Igreja servindo a Deus no homem que sofre”.

ESPIRITUALIDADE PECULIAR

“Como Hospitaleiros, aspiramos a encarnar cada vez com mais profundidade os sentimentos de Cristo até o homem doente e necessitado e a manifestar-lhes com gestos de misericórdia: nos fazemos fracos com o fraco e o assistimos como predileto do Reino; lhe anunciamos o amor do Pai e o mistério de sua salvação total; defendemos seus direitos e oferecemos a vida por ele”.

“Nos dedicamos com gosto à assistência de quem sofre, com as atitudes e os gestos peculiares do Irmão Hospitaleiro: serviço humilde, paciente e responsável, respeito e fidelidade à pessoa, compreensão, benevolência e abnegação, participação em suas angústias e esperanças. Nossa vida é para o sinal e o anúncio da chegada do Reino de Deus”.

“Sentimos-nos irmãos de todos os homens e nos entregamos ao serviço principalmente dos fracos e enfermos: suas necessidades e sofrimentos comovem nosso coração, nos apressam em oferecer-lhes remédio e nos estimulam a procurar sua promoção pessoal”.

MISSÃO NA IGREJA

“Animados pelo dom recebido, nos consagramos a Deus e nos dedicamos ao serviço da Igreja na assistência aos enfermos e necessitados, com preferência pelos mais pobres. Deste modo, manifestamos que o Cristo compassivo e misericordioso do Evangelho permanece vivo entre os homens, e colaboramos com Ele em sua salvação”.

“Ao chamar-nos Irmãos Hospitaleiros, Deus nos escolheu para formar comunidade de vida apostólica; queremos viver em comunhão o amor a Deus e ao próximo”.

“Como membros vivos da Igreja, aspiramos a manifestar a supremacia do amor de Deus e desejamos conseguir a perfeição da caridade, para com Deus e para com o próximo, mediante a prática constante de todas as virtudes, com a profissão pública dos votos de castidade, pobreza, obediência e hospitalidade, seguindo o espírito da Regra de Santo Agostinho e observando as Constituições da Ordem”.

ATUAÇÃO DO CARISMA

“Sentimos-nos depositários e responsáveis do dom da hospitalidade que define a identidade de nossa Ordem. Isto nos compromete a viver em fidelidade nosso carisma, a custodiá-lo, aprofundá-lo e desenvolvê-lo constantemente na Igreja. Nossa abertura ao espírito, aos sinais dos tempos e às necessidades dos homens, nos irão indicando como temos de encarná-lo criativamente em cada momento e situação”.

“A mesma riqueza do carisma recebido supõe a possibilidade de expressá-lo em formas diversas, de acordo com as circunstâncias de tempo e lugar. Por isso vivemos em atitude de discernimento e conversão, para que nossa missão na Igreja responda sempre à vontade de Deus sobre nós e mostre nosso sentido de unidade”.

“Na atuação de nosso carisma nos sentimos particularmente unidos aos institutos, associações e movimentos que têm uma missão similar à nossa. Uma especial comunhão espiritual nos une

àqueles que, tendo origem de alguma maneira em nossa Ordem, são uma manifestação da vitalidade de nosso carisma hospitaleiro”.

HOSPITALIDADE SEGUNDO O ESTILO DO FUNDADOR

“Pelo voto de hospitalidade nos dedicamos, sob a obediência dos superiores, à assistência dos enfermos e necessitados comprometendo-nos a prestar-lhes todos os serviços necessários, por humildes que sejam inclusive com perigo de vida”.

“Nossa maior alegria está em viver em relação com os destinatários de nossa missão: os acolhemos e servimos com amabilidade, compreensão e espírito de fé de que são credores como pessoas e filhos de Deus”.

“A hospitalidade que temos professado nos compromete a velar para que se respeitem sempre os direitos da pessoa a nascer, viver decentemente, ser curada na enfermidade e morrer com dignidade. Esforçamos-nos para que, em todos os momentos, apareça com clareza que a pessoa enferma ou necessitada é o centro de interesse em nosso apostolado hospitaleiro. Vivemos de tal modo identificados com nossa missão, que nossos colaboradores se sentem movidos a fazer o mesmo”.

O CARISMA HOSPITALEIRO



“No interior da Igreja, a Ordem Hospitaleira tem por carisma e missão exprimir o amor misericordioso da hospitalidade, junto dos mais necessitados e dos doentes. Tanto os Irmãos como os seus colaboradores mais diretos e generosos devem sentir-se chamados a manter vivo o amor misericordioso do Senhor e a expressá-lo na própria vida e nas instituições de que são responsáveis, obedecendo ao mandato de Jesus: curai os doentes e proclamai que o Reino de Deus está próximo (Cf. Mt 10, 7-8)”.

“Para os membros da Ordem Hospitaleira, a pessoa doente e com deficiência, em vez de excluída, passará a ser colocada no centro das atenções para se transformar em meio de aprendizagem qual «universidade hospitaleira». Desta forma o carisma hospitaleiro será chamado a construir, no nosso tempo, um antídoto para os males que têm sido objeto de algumas das nossas últimas intervenções”.

“O carisma hospitaleiro dá prioridade aos mais humildes e a todos aqueles a quem não são reconhecidos os inalienáveis direitos de cidadania. Por isso, todo o verdadeiro filho de São João de Deus se esforça continuamente por minorar a exclusão social, promover a saúde e defender a dignidade das pessoas, particularmente as que são negligenciadas ou marginalizadas, pelo simples fato de serem afetadas pela doença mental ou por outras deficiências”.

“Ao acolher evangelicamente as pessoas afetadas por limitações mentais graves, garantindo-lhes tratamentos técnicos apropriados e dispensando-lhes os cuidados humanos a que têm direito, enquanto membros da grande família humana, a Ordem Hospitaleira apresenta-se como consciência crítica do individualismo egoísta, do consumismo desenfreado, da cultura de morte e da insensibilidade aos valores espirituais, que se vão fazendo sentir na nossa sociedade. E afirma-se

como testemunha credível da civilização do amor e da esperança, da plenitude e da vida nova que brotam abundantemente da Ressurreição de Cristo”.

“Assim o propõe o carisma fundacional praticado por São João de Deus que em relação a toda a espécie de doentes e necessitados seguiu à risca o exemplo de Jesus Cristo, Bom Samaritano da humanidade. Gastou a própria vida em favor dos irmãos pobres e doentes, levando até às últimas conseqüências o seguimento de Cristo, Caminho, Verdade e Vida e fazendo desse fato o núcleo central do seu carisma martirial”.

**“JESUS CRISTO PROVÊ TUDO”
(TRECHOS DE UMA CARTA DE SÃO JOÃO DE DEUS)**



“Se víssemos quão grande é a Misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos: pois que, dando nós por seu amor aos pobres, o que Ele próprio nos dá, nos promete cem por um na bem-aventurança. ¡Oh, bem-aventurados engano e usura! Quem não dá o que tem a este bendito mercador, pois faz conosco tão boa barganha e nos roga, os braços abertos, que nos convertamos e choremos nossos pecados, e façamos caridade primeiro a nossas almas e depois ao próximo? Porque assim como a água mata o fogo, assim a caridade ao pecado”.

“São tantos os pobres que aqui chegam que eu mesmo muitas vezes estou espantado como se pode sustentar, mas Jesus Cristo provê tudo e lhes dá de comer. Como a cidade é grande e muito fria, especialmente agora no inverno, são muitos os pobres que se chegam a esta casa de Deus. Entre todos, enfermos e sãos, gente de serviço e peregrinos, há mais de cento e dez. Como esta casa é geral, recebem nela geralmente de todas as enfermidades e tipo de gente, assim que aqui há disformes, mancos, leprosos, mudos, loucos, paralíticos, e outros muito velhos ou muito pequenos, e, sem estes, outros muitos peregrinos e andarilhos, que daqui se aproximam, e lhes damos fogo e água, sal e vasilhas para preparar a comida. Para tudo isto não há renda, mas Jesus Cristo o provê tudo”.

“Desta maneira estou aqui empenhado e cativo só por Jesus Cristo. Vendo-me tão empenhado, muitas vezes não saio de casa pelas dívidas que tenho, e vendo padecer tantos pobres meus irmãos e próximos, e com tantas necessidades do corpo e da alma, como não os posso socorrer, estou muito triste, mas espero e confio em Jesus Cristo; que Ele me desempenhará, pois Ele conhece meu coração. E assim digo que maldito o homem que se fia dos homens, senão só em Jesus Cristo; dos homens há de ser desamparado, queiras o não; mas Jesus Cristo é fiel e durável, e pois que Jesus Cristo provê tudo, a Ele sejam dadas as graças para sempre. Amém”.

ORAÇÃO - 1

Senhor, tu que infundistes em São João de Deus espírito de misericórdia, faz com que nós, praticando as obras de caridade, mereçamos encontrar-nos um dia entre os eleitos de teu reino. Por nosso Senhor.

Amém.



ORAÇÃO - 2

Senhor, nosso Pai, quantos males atingem a humanidade,
quantos são os desvalidos que sofrem,
são tão desprezados e muitos até excluídos.
Perdoa nossa omissão, nossa falta de sensibilidade,
nossa ignorância por separarmos a doença de vós.
Sabemos que a falta de amor agrava muitas doenças,
por isso pedimos, pelos méritos de São João de Deus,
o dom da compaixão, da paciência para com os doentes e acima de tudo,
que tenhamos um grande amor por eles.

Amém.

São João de Deus, rogai por nós.

São José, rogai por nós.

Maria, Consoladora dos Aflitos, rogai por nós.

PEQUENA CRONOLOGIA DA VIDA DE SÃO JOÃO DE DEUS:

- 1495** Nasce São João de Deus (João Cidade) em Montemor-o-Novo – Évora, Portugal.
- 1503** Deixa a sua casa e fixa-se em Oropesa (Espanha).
- 1520** Morre o seu Pai num convento em Lisboa.
- 1523** Combate no Exército de Carlos V, na reconquista aos franceses de Fuenterrabia, nos Pirineus.
- 1524** Regressa a Oropesa.
- 1532** Novamente soldado. Agora em Viena, contra os turcos.
- 1533** Regressa a Montemor-o-Novo. Segue para Sevilha.
- 1535** Dirige-se a Ceuta (portuguesa); trabalha na fortificação da cidade e ajuda uma família em extrema necessidade.
- 1538** Volta a Espanha e vende livros em Gibraltar. Transfere-se depois para Granada onde abre uma pequena livraria.
- 1539** Em 20 de Janeiro, durante o sermão da festa de São Sebastião passa por uma crise de conversão que o leva ao hospital, dado como louco.
- 1539** No Outono funda um hospital na Rua Lucena.
- 1546** Recebe os primeiros discípulos: Antonio Martin e Pedro Velasco
- 1547** Transfere o seu hospital para um edifício maior, antigo convento carmelita, na Encosta de Los Gomeles.
- 1548** Vai a Valladolid à corte pedir auxílio ao Príncipe Filipe II.
- 1549** Salva os doentes do Hospital Real incendiado.
- 1550** A 8 de Março morre na Casa dos Pisas, em Granada.

BIBLIOGRAFIA:

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia.asp?noticiaid=8268>

<http://www.isjd.pt/>

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1997/october/documents/hf_jp-ii_spe_19971022_pampuri_po.html

<http://www.a2z.pt/selos/11/sal129.htm>

http://www.hsjd.com.br/q_somos.htm

<http://www.acidigital.com/santoral/8mars.htm>

<http://users.libero.it/luigi.scrosoppi/santi/giovanididiopor.htm>

<http://www.paroquia-sjoaodeus.pt/>

http://www.ewtn.com/spanish/Saints/Juan_de_Dios.htm

<http://www.sanjuandedios-fjc.org/htm/orden/dejuanciudad.htm>

<http://www.juaninos.org.mx/>

<http://www.santa-caridad.org/home.htm>

http://www.religiaocatomica.com.br/santosdodia_marco.asp

<http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos67.html>

<http://www.sanjuandedios-oh.es/betica/index.php>

Os Santos e a Medicina – Médicos, Taumaturgos e Protetores – Luciano Sterpellone - Ed. Paulus – 1998

FIM